

## 1. O fermento e a barca

Durante o Curso de Formação Monástica deste ano, meditaremos juntos o tema da misericórdia, procurando deixar-se acompanhar por São Bento, em uma compreensão deste mistério que nos ajude a vivê-lo, experimentá-lo. Certamente, o Ano Santo da Misericórdia nos conduz a isto, mas não devemos aprofundar a misericórdia somente porque este ano é consagrado à ela, mas porque este aprofundamento é vital para nós. E tenho certeza que este tema nos ajudará também a compreender mais profundamente São Bento, seu carisma, e, portanto, a viver com maior consciência e decisão nossa vocação.

Gostaria também que estas meditações, não sejam separadas do empenho deste Curso de Formação Monástica. O Capítulo da manhã, não deve se limitar a ser um gesto de devoção, formal, teórico, porque tudo isto não serve para a vida e também todo o Curso, se não serve para viver com maior consciência e intensidade, é perda de tempo. Serve para a vida somente aquilo que nos permite fazer um caminho, ir adiante na "*conversatio morum*", que São Bento nos faz prometer no momento da Profissão, juntamente a estabilidade e obediência (RB 58,17). Sabemos que a "*conversatio morum*" não é traduzida simplesmente como "conversão dos costumes", mas implica a idéia de um caminho comunitário de vida, que permita uma transformação de nós mesmos, a partir do nosso coração.

Faz bem recordar-se como São Bento concebe o ensinamento do abade, e portanto, a formação que os monges e monjas devem sempre receber: "O Abade nada deve ensinar, estabelecer e ordenar qualquer coisa estranha ao mandamento do Senhor; em vez, suas disposições e seu ensinamento devem cair na alma dos discípulos como fermento de justiça divina." (RB 2,4-5)

O fermento, o levedo, não é a massa, não é o pão, mas aquilo que faz a massa fermentar, que aumenta seu volume e enriquece a sua qualidade. O fermento na massa começa um processo que ocorre na massa, nos cereais que a constituem. São Bento pede ao abade para oferecer sempre um ensinamento, que haja como fermento "nas almas dos discípulos – *in discipulorum mentibus*". Enfim, deve ser uma palavra, uma doutrina, fazendo um trabalho interior, de crescimento interior, de conversão dos pensamentos e do coração. O ensinamento deve ativar, em cada um de nós, um processo meditativo, e também contemplativo, que é um trabalho da liberdade de cada um. Até Deus faz assim com a sua Palavra, e de fato, o abade deve ensinar fundamentalmente com a palavra de Deus, com as Sagradas Escrituras. Em certo sentido, o bom formador é aquele que deixa Deus falar, que deixa o Verbo de Deus falar, através da sua palavra. A verdadeira formação é aquela que nos leva a ouvir Cristo.

O formador é aquele que diz sobre os telhados aquilo que Jesus diz em seu ouvido (cf. Mt 10,27), para que o ouvinte sinta, também, Jesus que lhe fala ao ouvido do coração, para torná-lo, por sua vez, mestre, evangelizador sobre os telhados, de uma forma ou

de outra, porque todos nós somos chamados a evangelizar o mundo, até mesmo pelo silêncio de uma clausura.

Mas evangelizamos, testemunhamos Jesus Cristo Salvador e Redentor, se lhe permitirmos de "falar-nos ao ouvido", isto é, se nós o ouvimos, por primeiro, nós pessoalmente, em silêncio, em diálogo pessoal com Ele.

É a isto que nos convida São Bento, desde as primeiras palavras da Regra: "Escuta, filho, os preceitos do mestre e inclina o ouvido do teu coração para acolher, de boa vontade, e praticar com firmeza, os conselhos de um pai misericordioso [*pai patris*]" (Pról. 1).

O nosso Mestre é um Pai misericordioso, é Deus revelado em Jesus Cristo, que fala ao ouvido do nosso coração, a fim de que, livremente e com alegria (*libenter*), possamos realizar na nossa vida, a vontade de Deus.

A primeira condição para acolher a misericórdia de Deus e para viver nela, é portanto, ouvir o coração. Deus tem piedade de nosso coração (*misericórdia* é uma palavra composta por *miserere*, ter piedade, e *cor*, coração) antes de tudo falando à este, enviando o seu Verbo, o seu Filho unigênito, para falar ao pobre coração do homem. São Bento, nos ajuda então, a compreender imediatamente que a nossa conversão, o nosso retorno ao Pai, começa inclinando o ouvido do coração à palavra de Deus, a Cristo que nos fala. Assim, começa a nossa vocação cristã e monástica. A vocação começa onde o nosso coração escuta a voz de Cristo, que nos convida a voltar ao Pai bondoso.

Santo Agostinho escreve nas Confissões: "Ó Senhor, continua em mim, a tua obra e revela-me aquelas páginas [da Sagrada Escritura]. Eis que a tua voz é a minha alegria; a tua voz vale mais do que todos os prazeres reunidos. Satisfaz meu amor: sim, eu amo, e também isto é dom teu. Não deixes em abandono os teus dons e não desprezes esta folha de grama sedenta." (*Confissões* 11,2,3)

Eis que devemos viver a formação monástica como uma folha de grama sempre sedenta da palavra de Deus, da alegria que somente a voz do Senhor nos dá. Porque a misericórdia de Deus por nós, inicia a partir do fato que Ele se abaixa até chão, para pulverizar a sua beleza e verdade, à folha de grama que somos nós. Deus não vê a humanidade como um prado imenso, composto por bilhões de folhas de grama indistintas. Deus é um Pai, que vê distintamente cada folha de grama e se inclina para falar no seu Verbo, que se fez carne.

"Te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo foi dado a mim por meu Pai, ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar." (Mt 11,25-27)

É com esta maravilha, com esta surpresa, com esta gratidão, que devemos acolher a Palavra de Deus e cada momento de formação que nos é oferecido. Somente assim, não seremos distraídos, superficiais, duros de coração.

Dizia que a formação que nos vem de Deus e da Igreja, se dirige à nossa liberdade. Isto significa que não deve ser uma sedução, mas uma provocação. Acontece, e infelizmente não raro, que superiores e fundadores conseguem seduzir, mais que formar, os seus discípulos, com graves consequências para o caminho dos discípulos, que são como escravos, que primeiro se submetem até se sufocar, e depois, se revoltam com violência.

A este propósito, me parece importante meditar uma passagem do Evangelho de Marcos:

"Jesus retirou-se com os seus discípulos para o mar, e seguia-o uma grande multidão, vinda da Galiléia. E da Judéia, de Jerusalém, da Iduméia, do além-Jordão e dos arredores de Tiro e de Sidônia veio a ele uma grande multidão, ao ouvir o que ele fazia. Ele ordenou a seus discípulos que lhe aprontassem uma barca, para que a multidão não o comprimisse. Curou a muitos, de modo que todos os que padeciam de algum mal se arrojavam a ele para o tocar." (Mc 3,7-10)

Jesus atraía as multidões, e poderia ter seduzido todos com o poder de seus milagres. Bastava tocá-Lo para ser curado. E seus discípulos deveriam estar orgulhosos, de ter um Mestre que tinha tanto sucesso. Mas Jesus não gosta deste culto, quase mágico, da sua pessoa. Claro, Ele doava-se completamente às multidões, porque eram ovelhas perdidas, sem pastor, das quais, sentia compaixão. Mas sabe, que se Dele se obtém somente milagres, e milagres simplesmente em tocá-Lo, isto não permite às pessoas de crescer na fé, de crescer em uma relação livre com Deus, uma relação de demanda e gratidão, e portanto, em uma relação de amor.

Jesus, então, pede aos discípulos para lhe deixar uma barca pronto. Não é para fugir da multidão, mas para poder falar à multidão, para colocar entre Ele e a multidão a distância necessária para falar e ser ouvido. Deseja criar a distância necessária porque entre Ele e o coração de cada pessoa, se pudesse criar um lugar de escuta, de atenção, e assim, de liberdade e responsabilidade para com aquilo que Jesus dava com a sua palavra, com o Evangelho que anunciava.

Eis que se queremos nos formar com liberdade, se realmente queremos ser formados por Cristo a uma maturidade de decisão, de responsabilidade para com Ele e para conosco, devemos aceitar que entre Ele e nós, se crie um lugar de silêncio, de escuta, e não pretender de aspirar Dele sentimentos ou vantagens imediatos, milagrosos, devocionais, isto é, sem a liberdade da fé e da conversão que a fé nos pede, ou nos faz pedir à graça do Espírito Santo.

E quem forma, quem ensina, deve fazê-lo preparando esta "barca", que permite a Cristo nos falar livremente, criando entre nós e Ele, o silêncio, a atenção, a espera, como a boa terra, arada, na qual, a semente da Palavra de Deus pode realmente criar raízes e dar frutos. Somente assim, poderemos receber e acolher, com humildade e fecundidade, o Evangelho da Misericórdia.